

# “Sou uma eterna insatisfeita”

Texto | SÃO JOSÉ SOUSA  
Foto | STEVEN GOVERNO

Em 2001, o crítico de jazz José Duarte considerou-a “a cantora de jazz portuguesa”. Seis anos depois, Jacinta recebe o título de “melhor jovem artista de jazz da Europa”. A escolha foi feita pelas dezenas de editores europeus da revista “Seleções”, da *Reader's Digest*, que publica na edição de Junho uma lista de 28 objectos e pessoas considerados “O Melhor da Europa”. “Sou a única portuguesa da lista, não sou? Acho muito estranho. Fiquei surpreendidíssima”, confessa Jacinta.

Apesar disso, a artista, de 36 anos, não tem pudor em afirmar que é “uma grande cantora” e mostra-se muito satisfeita com a sua evolução: “As pessoas que me ouvirem há um ano e meio não me vão reconhecer em palco, ou talvez vão, mas agora já não sinto dor nas cordas vocais”, congratulase.

Finalista do concurso televisivo “Chuva de Estrelas”, em 1993, distinguida com o título Músico Revelação do programa Cinco Minutos de Jazz, da Antena 1, em 2001, e nomeada para Melhor Intérprete Individual dos Globos de Ouro, em 2007, afirma que foi a selecção para gravar pela conceituada editora de jazz Blue Note, em 2003, que mais a entusiasmou: “Foi um marco enorme, que me deixou bastante nervosa”.

Depois desta conquista, Jacinta espera agora entrar regularmente no mercado europeu, “e pode ser que esta distinção da revista “Seleções” ajude”, afirma. Para já, considera-se “privilegiada” em Portugal: “O nosso país é do fado, não é do jazz”, lembra, mas isso não tem a impedido de construir uma carreira de sucesso que começou logo com o seu primeiro álbum: “A Tribute To Bessie Smith”, de 2003, recebeu o primei-

A cantora de jazz Jacinta é a única portuguesa na lista do “Melhor da Europa”, escolhida pela revista “Seleções” da *Reader's Digest*. Apesar de surpreendida, reconhece: “Sou uma grande cantora!”.



## “Nova Iorque é o mundo do jazz”

Descoberto o desejo de se tornar cantora, depois da participação no concurso “Chuva de Estrelas”, Jacinta decidiu que queria estudar jazz aprofundadamente. Mas a viagem para a Manhattan School of Music, em Nova Iorque, demorou dois anos a preparar, pois, explica, “não havia e-mail, ia tudo por carta”. Foi então chamada para uma audição e recebeu bolsa a 100 por cento para um mestrado em Jazz Vocal. Depois, seguiram-se mais dois anos a estudar e a tocar, antes de rumar à Califórnia, onde morou até 2004.

“Nova Iorque é mesmo o mundo do jazz, fica-se submersa”, conta Jacinta. Aí foi colega de turma de Jane Monheit, considerada

uma das mais promissoras cantoras de jazz da sua geração, e teve até Maria Schneider, premiada compositora de jazz, a dar aulas de substituição. “É a diferença que faz estar e estudar em Nova Iorque”, assinala Jacinta, que teve como professores nomes como Ed Neumeister, Mark Murphy, Dave Holland e Annie Ross.

Apesar disso, Jacinta não pensa voltar para o outro lado do Atlântico: “Já lá estive depois, com vontade de ficar, mas desisti. A cena do jazz nova-iorquino está desvirtuada. Todos os clubes de jazz estão transformados em restaurantes chiques para entreter japoneses ricos”, critica.

ro disco de ouro da história do jazz nacional.

## Chuva de convites

Aos quatro anos, Jacinta já respirava música. Começou por frequentar uma escola privada em Gafanha da Nazaré, de onde é natural, iniciando uma formação musical clássica e moderna. Aos 12 entrou para o Conservatório e aí aprendeu piano e violino. Mas quando aos 19 anos entrou para a Universidade de Aveiro para estudar composição clássica, apercebeu-se de que aquilo que queria era cantar jazz. “Foi no Chuva de Estrelas que percebi que tinha potencial para cantora”, explica, recordando o dia em que, com 22 anos, subiu ao palco do estúdio de televisão para encarnar Ella Fitzgerald. Foi à final e ganhou popularidade.

Os convites para actuar como cantora de jazz profissional não tardaram em chegar. “O primeiro foi para Aveiro, mas foi em Águeda que me pagaram pela primeira vez e pude contratar músicos profissionais”, recorda Jacinta. Durante três anos tinha sido a voz de um grupo de rock progressivo chamado Doce Caos, mas depois do Chuva de Estrelas passou a dedicar-se exclusivamente ao jazz, estudando intensivamente.

E foi para prosseguir os estudos que, em 1997, se mudou para Nova Iorque (ver caixa). Hoje está novamente instalada em Portugal e acredita que o mercado do jazz está a crescer no país, com o surgimento de mais sítios para tocar e de mais cantoras, como Joana Rios, Joana Machado ou Paula Oliveira, “todas muito diferentes, muito originais”, defende.

## Professora e aluna

Em 2006, Jacinta edita o seu segundo álbum, “Day dream”, mas, afirma: “O meu preferido ainda está para vir. Sou

uma eterna insatisfeita”.

Nos últimos meses, tem corrido o país a cantar Zeca Afonso, “porque é uma grande paixão minha desde que eu me lembro”, justifica, e está agora a negociar com a família a autorização para colocar o trabalho em CD. Paralelamente, a cantora revela que “já está outro projecto na forja, mas é segredo absoluto”, e só deverá ser revelado no próximo ano.

Ao mesmo tempo, Jacinta é também professora e aluna. Desde 2005 que ensina canto de jazz a seis alunos “fiéis” na Oficina de Música de Aveiro, onde mora: “Tenho aprendido bastante. É engraçado ver neles os meus próprios erros. Torna consciente aquilo que eu já faço intuitivamente e isso também é produtivo”, assegura. Além desta, participa noutras iniciativas para levar o jazz aos mais novos, como aquela que em meados de Maio reuniu no Centro Cultural do Cartaxo centenas de crianças.

Mas a senhora do blues português também ainda não acabou a sua formação, recebendo aulas de canto de ópera, com a cantora Isabel Alcobia, “que tem uma voz inacreditável, mas só não é famosa porque tem cinco filhos”, garante. Jacinta tem também uma filha, Catarina, de seis anos, mas confessa que não canta para a família, tal como não ouve a sua música, “a não ser que seja obrigada, como quando estou em programas de rádio”, conta.

Já no estúdio ou no palco, Jacinta liberta a sua voz quente e profunda com todo o prazer e é isso que vai fazer intensamente nos próximos meses de Julho, Agosto e Setembro, enchendo de jazz todo o país. Em Outubro passado, dizia em entrevista: “Se fosse só pela minha linda voz já tinha acabado”. Hoje, mais confiante, pensa de forma diferente: “Estou a descobrir a beleza do meu instrumento. É só abrir a garganta e deixar sair a voz”. \*